

Contos

Ivaldino Antônio Tasca

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 25/11/2014

Título : A homenagem

Categoria: Contos

Descrição: Candelabro acordou mais cedo, amanheceu engalanada. Efervescente, de sorriso fácil. Postes e meios-fios caiados, bandeirolas amarelas, vermelhas e roxas à Volpi trouxeram cara de festa de São João à pequena cidade.

Candelabro acordou mais cedo, amanheceu engalanada. Efervescente, de sorriso fácil. Postes e meios-fios caiados, bandeirolas amarelas, vermelhas e roxas à Volpi trouxeram cara de festa de São João à pequena cidade. As lojas da avenida estão com as vitrines enfeitadas para o evento. O Altar da Pátria ganhou pintura nova para os discursos após o desfile.

Ontem a banda marcial de Carreta Quebrada, cidade vizinha, levou metade da população às ruas no afinadíssimo ultimo ensaio para puxar o desfile colegial que abre os atos oficiais de hoje; para alívio geral as negras nuvens matinais se dissiparam rápido, o sol se postou impávido com toda aquela imponência que cerimônia dessa envergadura requer. Donos de bicicletas e pandorgas de todas as idades curtiram a deliciosa manhã.

O prefeito determinou ponto facultativo (ao finalizar o decreto justificando tal medida sentenciou, ao se referir ao homenageado: “fortuna audaces sequitur”); os três deputados que representam essa progressista região produtora de grãos na Assembleia chegaram cedo, um lerá a mensagem do governa- dor “ao ilustre filho do bravo povo candelabriano”; a missa do final da manhã na Matriz

lotada teve caráter solene e o pároco caprichou na fala, sua voz tonitruante bradou aos pais do homenageado em momento de grande silêncio na nave: “arbor bona fructus bonos facit”; o casal deixa rolar grossas lágrimas.

A emissora da cidade vizinha, líder em audiência, está a postos desde o amanhecer com seu time principal de repórteres para transmitir ao vivo; no noticiário das 12,30 horas fez resenha dos acontecimentos da manhã; as carrocinhas de churros, de pipoca, de chá mate e de cachorro-quente estão, como no Sete de Setembro e no Dia do Município, estrategicamente colocadas na avenida por onde passará o desfile com início para às 15 horas.

O Bar Brasil, ao lado da Igreja, nunca reuniu tantos por tanto tempo; os do contra e os adeptos da homenagem se revezam em falas acaloradas consumindo caipirinha, cerveja, conhaque, cachaça com bitter, ovo de codorna, picadinho de mortadela, pepino e queijo colonial. O mais exaltado é o candidato a prefeito derrotado na última eleição. Na tonalidade que a língua assume na sexta caipirinha, esbraveja: “isso é um escárnio, chacoalhar o mundo só porque o Petico de Candelaro (nome artístico do poeta Aresteveldo de Bragança e Silva) teve um e-mail lido pela Fátima Bernardes na Globo?”

A possibilidade de um agarra-e-solta-e-agarra se desfaz quando gritam: olha o desfile do Piteco. O Bar Brasil se esvazia para ver a banda passar...

Data : 25/11/2014

Título : Não se domam cavalos

Categoria: Contos

Descrição: Os cavalos fascinam Carmem, encanta-se e encanta aos de- mais ao falar neles.

Os cavalos fascinam Carmem, encanta-se e encanta aos de- mais ao falar neles.

Com o fim do casamento, radicaliza: cavalo foi criado para viver solto, absolutamente livre em campo aberto; nada de corda, de buçal, de sela, de carroça, de arado, de cerca, nada de estábulo, de hipódromo.

Exímia amazona deixa de montar por conta da nova convicção; agora só faz afagos. Quando as mãos deslizam no dorso do potro de pelo reluzente e macio, o rosto embevecido libera estranheza na imaginação de quem não a conhece. A mulher dilui libido no animal que afaga, comentou com tom de malícia, na cantina, o veterinário do hipódromo.

Ela desafia alguém a apontar um bicho mais bonito: no cavalo, a natureza não operou com parcimônia, foi superlativa, teve um de seus momentos de pico. Zaino, baio, alazão, rosilho, branco, pintado, tordilho, cor ou raça, nada disso interessa, morfologicamente nada no mundo animal é superior. Em casa toalhas cinzeiros, colchas, talheres, agendas, cadeiras, mesas, cama, enfim, quase todos os objetos remetem ao cavalo. Ferraduraorna o portão do jardim. A coleção de miniaturas comprova a obsessão.

Quando enxerga um cavalo, Carmem enxerga mais do que cavalo. Filósofa: o cavalo incorpora, como nenhum outro ser vivo, o mais elevado ideal de beleza, de liberdade sem freio, de virilidade, de força, de postura nobre, de coragem, de elegância, de altivez, de amabilidade, de doçura. Exagero? E ela se importa? A elegância despreziosa ao mover o pescoço para espantar insetos, o timbre do relincho, o andar dolente ao pastar, o galope com soberba, a imponente dócil ao se aproximar da cria, o olhar desafiador ao encarar o estranho, o bufar de valentia ao amanhecer, o porte ao estacar diante de movimento brusco, tudo é especial num cavalo. Nada é mais típico do vigor da natureza pulsando do que o encontro do macho com a égua, sentença.

Tem informações para falar horas sobre o animal. Provocada, despeja: o bicho vem de linhagem evolutiva com cerca de 60 milhões de anos: o cavalo (do latim caballu) é um mamífero hipomorfo, da ordem dos ungulados, uma das três subespécies modernas da espécie *Equus ferus*. Carmem perde o fôlego ao descrever que é um animal social, vive em grupo liderado por matriarca, que usa elaborada linguagem corporal para se comunicar. Garante conhecer a linguagem.

Ah, sim o cavalo entrou no Brasil após 1.500!

Que outro animal, desafia com a face coberta de empáfia, teve papel tão preponderante para a epopéia da humanidade na face da terra? No transporte de carga ou passeio, na agricultura, no laser, no jogo, nas aventuras, nas conquistas, na guerra ou como agasalho, alimento, companhia. Ainda fala sobre cavalos marinhos, cavalos alados...

Por quais razões a garota que adorava montar se torna mulher que só afaga o bicho? Nem as amigas íntimas, que compartilham detalhes tórridos e sórdidos da relação, sabem. Só arriscam palpites: mescla de culpa e arrependimento oriundo do comportamento comum do humano que deseja submeter tudo à sua vontade, conformar todas as coisas ao seu bel prazer, moldar aos seus caprichos o que crê ser importante como se fosse rei da natureza. Garantem, porém, que tal mudança de atitude ocorreu após o divórcio.

Casou ao ser engolfada por jovem que se enquadrou naquilo que o cavalo representava em sua peculiar visão de mundo: o mais elevado ideal de beleza, de liberdade sem freio, de virilidade, de força, de postura nobre, de coragem, de elegância, de altivez, de amabilidade, de doçura.

Tudo foi rápido, como tudo é rápido quando se trata da química das relações humanas movidas pela paixão. Na imaginação fértil e febril de mulher deslumbrada pelos eflúvios dos sentimentos estrondosos que o jovem nela desencadeou, certo dia o cavalo se fez homem e se apresentou diante dela, como se descesse do Olimpo com a missão de levá-la às alturas. Sim, exagero, mas plausível no contexto da sua magnífica retórica obsessiva: psicologicamente o cavalo é o símbolo da natureza instintiva.

Entre o Olimpo e a terra existem mais conexões do que a imaginação ousa perscrutar: perplexa, possivelmente, por, de um lado, obter tanto da vida sonhada; de outro, asfixiada por desconhecido e comumente inextricável sentimento, o ciúme que brotou a galope edificou labirintos ao redor do marido sem se dar conta da transformação que nele produzia. Ele, também envolvido no turbilhão, foi aceitando, deixando correr até que ela constatou que o homem com quem vivia não era o homem com quem casara. Ele também já não se reconhecia e, às vezes, ficava perplexo ao constatar no que Carmem o havia transformado.

Foi doloroso admitir que agira solertemente para moldar o marido ao seu gosto, do jeito que fazia com os cavalos em seus galopes, com o rosto ao vento na coxilha verde. E esse seu novo homem, feito sob sua vontade, não lhe agradava; o outro, aquele que viera ao acaso, era o que sonhara. Lição dolorida, como todas do empirismo. Por isso mudou: agora defende que jamais se deve domar o cavalo. Cortando-se suas asas, Pegasus deixa de ser Pegasus, ou seja, cavalo domado é animal que deixa de ser cavalo porque sua natureza foi violada. A doma tira a essência daquilo que faz o cavalo

ser cavalo e não outra coisa qualquer, e o que fica, ou sobra, depois da doma, é o vácuo, é o não cavalo...

Data : 25/11/2014

Título : Um estampido

Categoria: Contos

Descrição: O amanhecer chegou prenhe de futuro. A preguicinha manhosa e doce não a retém na cama. Escova os dentes cantarolando. Veste-se mergulhando nas coisas da sua alma e alegra-se com a paisagem.

O amanhecer chegou prenhe de futuro. A preguicinha manhosa e doce não a retém na cama. Escova os dentes cantarolando. Veste-se mergulhando nas coisas da sua alma e alegra-se com a paisagem. A sensação de porvir promissor gratifica. Come banana e mamão, bebe iogurte natural na soleira da porta, observa a pomba rolar afogar três ovos do ninho no galho do butiazeiro (este foi ano de poucos frutos). Seu vulto ouriça o bicho e ela capta como recado de fêmea para fêmea a postura desafiadora na proteção do ninho. Na cadeira de balanço leu o jornal; releu o texto sobre aquecimento global apreensiva sobre o que terá pela frente.

Na metade da manhã, o dia tornou-se esplendoroso. Ao meio-dia já passeava nas nuvens de mãos dadas com as fantasias. Almoçou no deque ouvindo sussurros de paz trazidos pelo vento morno que os deuses assopram ao longe e a eufórica cigarra a todo volume. Consumiu três folhas de alface crespa (abusou do azeite de oliva grego, economizou no vinagre de maçã), três fatias de tomate italiano, um peito de frango grelhado, dois copos de suco de bergamota, colhida na hora; nunca a mousse de abacate esteve tão saborosa (desta vez o limão foi na dose exata).

Ao telefone, à tarde, após o cochilo, espargue ao seu mundo a imensa euforia; compartilhou delicadezas, disseminou otimismo. Pelas 17 horas lanchou: bolacha água e sal, geleia de butiá, chá de hibiscos. Foi, até o sol se recolher, fazendo planos, conformando alicerces, tecendo a teia por onde deverá se mover em todas as horas mágicas que prenunciam esse seu porvir que presente perfeito. Conheceu, finalmente, o dia perfeito, sem tirar, nem por. Sente a vida em sua plenitude.

O banho foi morno, sem pressa; as mãos fizeram e refizeram doces passeios cremosos pelo corpo que, desde o amanhecer, acha que está diferente. Mulher não chega aonde ela chegou sem passar por profundas mudanças no corpo, mesmo que tais mudanças comecem pelo espírito, leu na revista. O corpo está diferente sim, está convencida disso. Sente-o, agora, como um santuário, algo transcendente sendo experimentado; sua mente insistiu em chamar-lhe atenção sobre a nova dimensão do seu corpo. Uma dimensão com traços divinos. Com água fresca abundante as mãos não cansaram de massa- gear (acariciar) o rosto delicado, os ombros, os braços, o abdômen, os volumosos seios (imaginou-os prontos para a grande missão), as coxas bem torneadas, as pernas esguias.

Além do prazer que lhe proporcionava esse bailado das mãos, queria estar perfeita para o encontro da noite. Meu homem... sorriu ao se dar conta que falara as duas palavras em tom de voz como se conversando com alguém estivesse. Meu homem adorado está agora todo dentro de mim, repetiu,

dengosa, feliz com seus dois olhos verdes fixos no espelho. Meu tudo, sou todo sua, também disse. Inebriada falava em voz alta com naturalidade. Enquanto a toalha verde felpuda, presente de seu homem (que agora sentia-o todinho dentro de si – insistiu nesse pensamento), secava seu corpo lembrou da mãe ter relatado os momentos de intenso êxtase quando soube que esperava seu primeiro bebê: justo ela foi esse primeiro bebê. Ainda envolta na toalha felpuda ligou novamente para a mãe e contou dessa lembrança.

Eram 22 horas quando, ainda flutuando, entrou no carro de seu tudo, (iam para o motel). Ela grudou o par de olhos verdes no rosto do homem e sentiu algo bom, muito bom mesmo, algo indescritível. Você está deslumbrante, disse ele. Ela se sentiu deslumbrante. Após trocarem longo e molhado beijo ela deu a notícia:

- Estou grávida, disse botando a mão direita de seu tudo em sua barriga.
- Quem é o pai? – Perguntou ele, assim, sem mais nem menos.

A moça continuou com toda a felicidade do universo em seu ser. Recebeu a manifestação como afago: por se achar desengonçada, desconfiada de seus dotes de beleza, sentiu-se valorizada ao imaginar que o homem que adorava, que o homem que entrara em seu corpo, insinuava que ela poderia ter outro amor. Ainda brincou. Impossível não brincar quando a voz do amor, a luz do caminho esmaga o que a palavra diz. Brincamos para espantar o nervosismo, recuperar o folego diante do surpreendente.

- Bobinho adorado, só pode ser seu...
- Só acredito com o resultado de um de DNA aqui na mão...

Ao se dar conta de que ele falava sério (ele estava com o rosto desfigurado), enlouqueceu. Ficou sem chão, sentiu-se um zero à esquerda, despencou. Lembrou-se de algo que agora, definitivamente, tinha como verdadeiro e que seu pai dizia: nada é pior ao ser humano do que humilhar ou ser humilhado. Mas não chorou, segurou o que ferveu dentro de si. O que lhe veio à mente aumentou a dor: dois dias antes fizeram planos para o futuro, planos para casar, até decidiram que teriam cinco filhos, isso, seriam cinco filhos, três meninos e duas meninas.

Quem é o pai?... Quem é o pai?.. Quem é o pai?... A pergunta explode na mente como eco espinhento, com estridência de ferro batendo em ferro; com efeito de cacos de vidros, ela abre o porta-luvas, pega algo e, antes que ele esboce reação, some na escuridão. A última coisa que André ouve, antes da vida se tornar o calvário de hoje, é um estampido.